Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS DA AMÉRICA LATINA NAS PÁGINAS DA REVISTA *EM GUARDA: PARA A DEFESA DAS AMÉRICAS*

REPRESENTACIONES POLÍTICAS DE AMÉRICA LATINA EN LAS PÁGINAS DE LA REVISTA *EM GUARDA: PARA A DEFESA DAS AMÉRICAS*

Mayra Coan Lago
Doutoranda no Programa de História Social/USP

Resumo

Nosso objetivo é analisar as representações sobre a América Latina produzidas e reproduzidas pela revista *Em Guarda: para a defesa das Américas*, entre os anos 1941-1945, assinalando alguns dos elementos que foram selecionados para a constituição de imagens sobre a região e o tipo de relação que a América Latina deveria ter com os Estados Unidos. A análise da revisa permite observar que as representações eram baseadas nas imagens de grande amizade com o vizinho do Norte, seus esforços de guerra, a "divisão de trabalho" da região e a "aliança natural" das Américas contra o inimigo nazista. Apesar dos aspectos gerais, os elementos mencionados variaram do início para o final da publicação, revelando o reforço de determinados estereótipos da região, tal como a mudança de posição da América Latina para os Estados Unidos- de protagonistas do esforço de guerra à espectadores da reorganização do Sistema Internacional- e o papel que lhe caberia após a guerra, como a grande fornecedora de matérias-prima e mercado consumidor dos produtos industrializados e simbólicos dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Representações políticas; Em guarda; Política da Boa Vizinhança; América Latina; Estados Unidos.

Resumen

Nuestro objetivo es analizar las representaciones sobre América Latina producidas y reproducidas por la revista *Em Guarda: para a defesa das Américas*, entre los años 1941-1945, señalando algunos de los elementos que fueron seleccionados para la constitución de imágenes sobre la región y el tipo de relación que América Latina debería tener con los Estados Unidos. El análisis de la revista permite observar que las representaciones eran basadas en las imágenes de gran amistad con el vecino del Norte, sus esfuerzos de guerra, la "división de trabajo" de la región y la "alianza natural" de las Américas contra el enemigo nazista. A pesar de los aspectos generales, los elementos mencionados cambiaron entre el comienzo y el final de la publicación, revelando el refuerzo de determinados estereotipos de la región, como el cambio de posición de America Latina para los Estados Unidos- de protagonistas del esfuerzo de guerra para espectadores de la reorganización del Sistema Internacional- y el rol de America después de la guerra, como la gran

ISBN: 978-85-7205-159-0

proveedora de materias prima y el mercado consumidor de los productos industrializados y simbólicos de los Estados Unidos.

Palabras-clave: Representaciones políticas; Em guarda; Política de Buena Vecindad; América Latina; Estados Unidos.

Introdução

Concordamos com Edgard Telles Ribeiro (2011) ao afirmar que, nas relações internacionais, o poderio militar ou econômico de um país tende a intimidar, enquanto a cultura tem o poder de seduzir as demais nações. Nesse sentido, a cultura passa a ser um importante elemento do poder que, por sua vez, é um dos componentes centrais do estudo das relações internacionais. A difusão de certos aspectos da cultura norteamericana no Brasil e nos demais países da América Latina é um fato irrefutável de nosso tempo. Do mesmo modo, sabe-se que não é um fenômeno recente ou ocasional, mas algo meticulosamente planejado e construído ao longo de décadas.

Uma das formas de estudar este planejamento e construção é a partir da noção de diplomacia cultural, diferenciando de relações culturais, proposta também por Ribeiro (2011). O autor distingue relações culturais de diplomacia cultural, sendo que a primeira teria como objetivo desenvolver, ao longo do tempo, maior compreensão e aproximação entre os povos e instituições, em proveito mútuo, enquanto a segunda seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais, de natureza não somente cultural, mas também política, comercial ou econômica.

Para Ribeiro (2011), a Segunda Guerra Mundial acelerou a percepção norteamericana da utilidade e transmissão de informações culturais além de suas fronteiras. O início da participação mais direta dos Estados Unidos, sob a noção do que ficaria conhecida posteriormente como "Diplomacia Cultural", remonta a 1938, tendo como alvo a América Latina, cuja lealdade, às vésperas da Segunda Guerra Mundial era importante preservar ou conquistar. Neste ano foi criada a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado, cuja responsabilidade se estendia do intercâmbio de professores e alunos à diversas formas de cooperação cultural e intelectual nos campos da música, literatura e artes plásticas. Ademais, a divisão respondia igualmente pela formação de bibliotecas, produção de traduções de obras representativas da literatura norteamericana, bem como pela participação em produções radiofônicas internacionais.

É dentro deste contexto que este trabalho está inserido e tem como objetivo analisar as representações sobre a América Latina produzidas e reproduzidas pela revista *Em Guarda: para a defesa*

ISBN: 978-85-7205-159-0

das Américas, entre os anos 1941-1945, assinalando alguns dos elementos que foram selecionados para a constituição de imagens sobre a região e o tipo de relação que a América Latina deveria ter com os Estados Unidos. Antes de entrarmos na análise da revista vale lembrar que o contexto de sua produção é marcado pela "Política da Boa Vizinhança" para a América Latina, como a grande exportadora dos valores pan-americanos para as Américas, que foi implementada também a partir do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics,* em agosto de 1940. Um ano mais tarde o Office ficou conhecido como *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), denominado por Gerson Moura (1984) como o Birô Interamericano, sob a direção de Nelson Rockefeller.

De maneira geral, o "Birô Interamericano" estava destinado a coordenar os esforços dos Estados Unidos para a promoção da cooperação e solidariedade com a América Latina (MOURA, 1984). De acordo com Antonio Pedro Tota (2000) o escritório era composto por quatro divisões: comunicações com as seções de rádio, cinema, imprensa e esportes; relações culturais com as seções de arte, música, literatura, educação; saúde com as seções dos problemas sanitários em geral e comercial/ financeira com as seções de exportação, transporte, finanças e desenvolvimento.

Com relação à revista, a mesma foi publicada mensalmente, entre os anos 1941-1945, pela Divisão de Informações do OCIAA,com sede em Washington, contando com o apoio da empresa Business Publishers International Corporation, cuja redação localizava-se na cidade de Nova York. Cabe dizer que, inicialmente, a revista recebeu o nome de *Em Marcha*- nome que seria justificado à medida que as tropas nazistas avançavam. Não obstante, em um contexto onde o governo norteamericano pretendia buscar adesão dos latinoamericanos à sua luta, tal termo sugeriria uma dose de agressividade por parte dos Estados Unidos. Nesse sentido o Secretário de Estado, Cordell Hull, em 1940, vetou o nome e sugeriu um título menos ofensivo: *Em Guarda* que além de soar mais sutil, daria a impressão de que apenas seria efetuada alguma ofensiva se primeiramente eles fossem atacados. Ademais, além de estarem "Em Guarda", os editores reafirmaram a luta em prol das Américas no subtítulo "Para a defesa das Américas", soando como um grito de guerra (TOTA, 2000).

Gerson Moura (1984) destaca a importância da revista no Brasil: "*O Brasil foi o país em que mais ela foi distribuída, concomitantemente, atingiu um maior número de leitores, em média cinco por revista. Somente no ano de 1943 cerca de 630.000 exemplares foram distribuídos no Brasil*" (MOURA, 1984, p.35). A revista possui textos e imagens em preto e branco, ressalva feita às capas e algumas fotografias de destaque, que receberam cor. Selecionamos esta revista para a análise, pois a consideramos uma das mais emblemáticas e promulgadoras dos discursos pan-americanista para a América Latina, tal como um dos

ISBN: 978-85-7205-159-0

instrumentos da Política da Boa Vizinhança que produziu e reproduziu, afirmou e reafirmou imagens sobre a América Latina e os Estados Unidos, tal como a relação de "amizade" entre os mesmos, do período.

Para lograr o nosso objetivo o trabalho é composto por três partes principais, além desta introdução e das considerações finais: na primeira apresentaremos os elementos selecionados pela revista para compor as imagens dos países latinoamericanos, caribenhos e do norteamericano, tal como a projeção dos laços de "amizade" dos "Bons Vizinhos"; no segundo analisaremos a produção das imagens do inimigo das Américas, a Alemanha nazista, em contraposição ao grande amigo e protetor das Américas, os Estados Unidos; e na terceira parte abordaremos a necessária colaboração entre os "Bons Vizinhos" para combaterem o inimigo e alcançarem a paz mundial.

A Política da Boa Vizinhança e a Exportação dos Valores Pan-Americanistas para a América Latina

A produção e reprodução das imagens de "bons vizinhos" foi baseada em três aspectos ou noções principais, que seriam combinados entre si: era necessário conhecer e reconhecer as Repúblicas Americanas; posteriormente identificar elementos comuns, que possibilitassem criar laços de amizade e união entre as Repúblicas; e, finalmente, estabelecer trocas mútuas, por meio da cooperação.

Com relação ao conhecer, as matérias das revistas tratavam da importância do ensino do idioma de espanhol e inglês nas escolas, como os casos de inglês em Assunção e de espanhol em Nova York. Em algumas matérias, quando tratavam do ensino do idioma, acabavam por tratar das principais cidades ou das capitais dos países latinoamericanos. Além disso, nas revistas analisadas havia, pelo menos, uma matéria que tratava de cada país da América Latina e Caribe, em que se procurava apresentar um panorama geral do país, envolvendo outros aspectos como a geografia, a história, a política, a economia (e os principais produtos que produz), a educação, a população, a saúde, o clima, os modos de vida ou os costumes, temas diversos (como a questão do trabalho e do voto) e o tipo de relação que mantinha ou poderia ter com os Estados Unidos. Panamá, Guatemala, Costa Rica, Haiti, El Salvador, Nicarágua, Cuba, Equador, Chile, Venezuela, Colômbia, Peru, Paraguai, Brasil, México, Honduras e Uruguai foram alguns dos países tratados nestas matérias especiais.

Além destas matérias especiais, a revista também produziu matérias de temáticas específicas, como: arte em alguns dos países, como o caso da pintura mexicana e da cubana, da escultora boliviana Maria Nunes Del Prado; alguns poetas como Guillermo Valencio da Colômbia; música, em que eram apresentados

ISBN: 978-85-7205-159-0

cantores ou maestros dos distintos países, como o caso de Heitor Villa Lobos do Brasil; o cinema mexicano em que apresentavam alguns artistas como Maria Felix e Ester Fernandez; a educação no México e no Paraguai; e dos heróis nacionais, como o caso de José Marti, Sarmiento, Simón Bolívar, Antônio Jose de Sucre (Marechal de Ayacucho), Benito Juárez e Francisco de Miranda.

Sobretudo nas temáticas dos heróis nacionais, a revista procurava fazer referência ao passado estabelecendo uma relação com aquele presente, sobretudo em temas como a união necessária do momento entre os países da América, que já era algo proposto pelos heróis, tal como a relação com os Estados Unidos. Vale dizer também que todas as matérias sobre os países latinoamericanos e caribenhos eram compostas por uma parte final, que combinava imagens e textos, relacionados as matérias-prima que contribuiriam para o esforço de guerra, tema do qual trataremos no terceiro tópico deste trabalho.

Além destas matérias, a sessão especial da revista intitulada "Pelas Américas" tratava da circulação dos distintos povos entre as Américas, além dos principais acontecimentos do mês. Estes elementos mencionados contribuiriam para a identificação e o estabelecimento de elementos comuns entre as Repúblicas, a fim de aproximá-las. Dentre os elementos comuns, tanto os que já eram costumes como os que tinham "potencial" em ser, selecionados pela revista, figuravam: a moda, o cinema e o esporte (baseball). Com relação à moda, a matéria "A moda entre os bons vizinhos" procurava ressaltar a influência exercida pelas artes e pelas tradições das Repúblicas Americanas nos últimos anos para a mulher norteamericana, refletida na própria maneira de vestir-se. Deste modo, a matéria referia-se a influência positiva das cores importadas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Guatemala, México e Peru, que tinham contribuído para a renovação da moda norteamericana.

A moda era considerada um elemento importante para projetar não mais o conhecer, mas os possíveis aspectos comuns, que aproximariam os países, tal como difundiria a cultura do outro. A outra face do aspecto selecionado era a própria reprodução de estereótipos das Repúblicas Americanas, tal como reafirmação de noções relacionadas à identidade tradicional dos povos, que, a partir destas vestimentas, poderia ser preservado.

Com relação ao cinema, a revista procurava difundir a produção cinematográfica, sobretudo a de filmes norteamericanos no período, para a América Latina e Caribe. Ademais, a revista tratava de outras iniciativas que envolviam cinema, como o Congresso Pan-Americano para as crianças em que, dentre as atividades, eram exibidos filmes. Os filmes norteamericanos eram reproduzidos tanto em algumas escolas latinoamericanas quanto no Congresso. Vale lembrar que, sobretudo no tocante ao cinema, o mesmo constitui-se como uma grande arma ideológica, de propagação dos valores pan-americanos para a América

ISBN: 978-85-7205-159-0

Latina e Caribe. Outra forma considerada pela revista para articular as relações entre os povos das Américas, tal como para a interação entre os mesmos era a partir da imprensa, que possibilitaria a difusão de informação. Dentre os casos mencionados pela revista, destacamos a visita das jornalistas latino-americanas aos Estados Unidos, momento que foi assinalado como mais uma forma de aproximar as Repúblicas, como, principalmente, propagar determinadas imagens dos Estados Unidos.

O último aspecto mencionado pela revista, como elemento comum, que possibilitaria a interação e integração dos povos era o baseball. Sob o título "Estimula a amizade", a matéria sobre o baseball demonstrava como o esporte aproximava os povos das Américas e inclusive atraia "*habéis jogadores do México, de Cuba, da Venezuela e de Porto Rico*" (EM GUARDA, ano III, número 11).

Alguns dos problemas e desafios dos povos das Américas também seriam identificados como comuns e, consequentemente, como elementos de aproximação, interação e solidariedade entre os povos. A partir desta percepção que se estabeleceriam projetos de cooperação entre os países, em determinadas áreas, como na agricultura, como os estudos do Instituto Agrário Interamericano, na segurança, como a Defesa Interamericana, e na saúde, como o Congresso da Associação de Médicos das Américas, entre outros. No próximo tópico trataremos de um dos elementos que tornar-se-ia comum para as Américas: o inimigo nazista.

"Para a Defesa das Américas": a construção do Inimigo e do Amigo das Américas

De forma geral, ainda que os japoneses e os italianos aparecessem na revista, também como representantes do mal, os que mais apareciam eram os nazistas e, portanto, seriam representados como o grande inimigo das Américas. De maneira geral, as referências ao nazismo, seja em imagens e textos, apareciam em três situações: capas e imagens, procurando explicitar a destruição e miséria aos locais que o inimigo passava; as matérias específicas, que procuravam apresentar os planos de ocupação nazista nas Américas; e a contraposição das imagens do "inimigo" com a do "amigo" das Américas, do "bem" contra o "mal", sobretudo a partir de 1944, procurando ressaltar os esforços de guerra do "amigo" das Américas pelo combate ao nazismo, tal como das vitórias dos Aliados em decorrência da derrota do Eixo.

Dentre as capas que nos chamaram a atenção, a que nos parece mais emblemática é a de um senhor idoso e uma criança de colo em um ambiente destruído, com o escrito "*o que os nazistas deixaram*". A destruição poderia ser tomada em sentido mais amplo, isto é, não apenas a destruição dos aspectos materiais, como de cidades e casas, como também de aspectos simbólicos, relacionado ao emocional, com a destruição da própria família e dos amigos, ou seja, tratava-se também da destruição da vida dos inocentes. A

ISBN: 978-85-7205-159-0

composição das imagens de destruição era combinada com outros horrores provocados pelo nazismo, como a exposição de crianças judias, o roubo de determinados materiais de primeiras necessidades nas cidades ocupadas, a situação miserável em que as cidades ocupadas estavam, entre outros.

Todos estes elementos eram elencados com a contraposição da bonança dos líderes do Estado alemão. Este tipo de contraposição era recorrente na revista, uma vez que reforçava o próprio discurso de interesses egoístas, de riqueza de uns pelo sofrimento de muitos, de expansionismo, entre outros. Assim, a partir da seleção de distintos elementos e situações era construída a imagem dos nazistas como o grande inimigo externo e interno das Américas, que deveria ser combatido a qualquer custo.

Como mencionamos, outra forma muito utilizada pela revista eram as matérias sobre os planos dos nazistas nas Américas. Dentre as matérias selecionamos a intitulada "os objetivos alemães nas Américas", na qual a revista apresentaria o plano nazista para as Américas. No início da matéria a Alemanha era apresentada como o principal fator de desestruturação da paz mundial, decorrente das ocupações nazistas em diversos países do mundo. Após a introdução dos estragos ocasionados pela Alemanha nazista, introduziam-se as razões pelas quais as Repúblicas Americanas eram o alvo:

> Economicamente, as repúblicas americanas permanecem como objetivos extremamente tentadores para um golpe pangermânico, especialmente por causa de seus grandes recursos naturais já então de um aproveitamento muito mais desenvolvido do que antes, mercê dos intensivos trabalhos de industrialização verificados nestes últimos cinco anos (...). Politicamente também, as repúblicas americanas são uma presa lógica para os pseudos ditadores do mundo (...) "Se há lugar onde a democracia é suicídio e sem significação, é precisamente na América Latina", declarou Hitler a Rauschning (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p).

Os argumentos produzidos pela revista combinavam elementos de atração pelo subcontinente com elementos de suposta fragilidade e, consequentemente, razões para ocupar a região. Ademais, os "amigos especiais" dos Estados Unidos, isto é, Brasil e México apareciam como os principais alvos da ocupação nazista. Após a descrição dos aspectos que motivavam os nazistas, o "plano de ocupação" era apresentado a partir de um mapa da América Latina dividido em lotes, com a legenda "A América do Sul e o plano divisionário alemão. Cada uma das zonas seria dirigida por alemães" e a descrição do plano. Abaixo, o mapa:

ISBN: 978-85-7205-159-0

Imagem 1: "A América do Sul e o plano divisionário alemão. Cada uma das zonas seria dirigida por alemães". Fonte: (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p).

De acordo com a revista, a ofensiva alemã para as Américas começou logo após a ascensão de Hitler ao poder, sendo contida apenas após as medidas políticas e militares para contrapor os seus efeitos. Apesar disto, a revista afirmava que a principal arma dos nazistas nas Repúblicas Americanas foi a população alemã que, em grande parte, se estabeleceu nas terras das Américas como gente amiga e dedicada a atividades normais, principalmente no comércio (EM GUARDA, ano IV, número 11). Para compor o inimigo nazista, tal como a expansão para a América Latina, a revista combinava supostas conversas de Hitler com seus funcionários mais próximos, tal como outras obras, inclusive do início do século XX, que exaltavam e justificavam o expansionismo alemão, como a de W. Winzer.

A partir de afirmações deste tipo, a revista afirmava que entre 1932-1942 estes "apelos emocionais" seduziam os imigrantes alemães, que em geral se mostravam bons cidadãos, que respeitavam as leis. Não obstante, estes imigrantes alemães que formavam um exército hostil na América Latina. Ademais, ainda segundo a revista, organizavam-se politicamente também:

> Está agora definitivamente constatado que, durante a mesma década [1932-1942], muitos alemães nas Américas se organizaram formando um setor do partido nazista com hierarquia similar à do partido da Alemanha. Estes elementos nazistas no estrangeiro estavam divididos em territórios, círculos, distritos, pontos de apoio, grupos locais, células e blocos. O plano alemão foi ideado cuidadosamente, e tão grande era a confiança na vitória que toda a América Latina já estava dividida em seis zonas correspondentes, aproximadamente, à proposta alteração do seu respectivo mapa, após a conquista. Em Buenos Aires encontrava-se o quartel general e o centro nervoso da maquinaria instalada primeiro para subverter e conquistar, depois para administrar (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p).

Segundo a revista, para lograr o objetivo do plano, os nazistas se utilizaram: da espionagem, destinada a obter informações sobre os aspectos militares das Américas; da organização e coesão de todos

ISBN: 978-85-7205-159-0

os alemães, a partir de atividades culturais, recreativas, diplomáticas, religiosas e criativas; e da penetração e enfraquecimento dos moldes sociais e político-democrático das Repúblicas Americanas. As afirmações sobre as estratégias eram acompanhadas de exemplos em distintos países da América Latina, a fim de legitimá-las.

Outro aspecto que foi muito utilizado era a reprodução de imagens do avanço nazista de outra natureza, a cultural, nas Américas, a partir de imagens sobre a cultura alemã nas Américas, como no caso de uma matéria intitulada "*A América do Sul corroída pela propaganda nazista. Aqui vemos um cinema nazista em Buenos Aires- Gloriosa Infantaria Alemã*", que tinha como objetivo tratar da invasão na Argentina a partir do cinema (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p). A matéria procurava produzir o efeito que na América esta invasão cultural já tinha começado, sobretudo nas Repúblicas Americanas que continham grande número de colônias alemãs, como o caso do Sul do Brasil e da Argentina, locais em que os imigrantes atuavam nas "sombras", propagando o "mal".

Neste contexto que os Estados Unidos apareciam como o grande líder do combate ao nazismo nas Américas. Tal como o "inimigo", o "amigo" das Américas, seja em imagens e textos, aparecia em três situações principais, relacionadas diretamente à atuação do "inimigo": na luta contra a expansão e destruição nazista nos demais países do mundo; na contenção da invasão nazista nas Américas; e, sobretudo no fim da guerra, nos custos materiais e "simbólicos" dos esforços de guerra.

Na primeira situação as capas da revista eram as mais emblemáticas, pois em sua grande maioria, apresentavam os novos e modernos armamentos de guerra, os principais personagens norteamericanos- como os presidentes anteriores e daquele momento dos Estados Unidos, os ministros, os generais e os almirantes-, os soldados em guerra e as ofensivas contra os inimigos. Os armamentos, os comandantes, os soldados e a ofensiva compunham o quadro de imagens referente à capacidade que os Estados Unidos tinham para lutar contra o inimigo e, posteriormente, para vencer a guerra.

Vale ressaltar que, além desta ofensiva armada, outra que aparecia, inclusive nas capas, era a equipe de enfermeiras, que atuavam nos conflitos, também mencionadas como soldadas fundamentais do conflito. O papel das mulheres na guerra foi exaltado na revista, sobretudo pela mudança de papéis que tiveram que assumir durante a guerra, nos campos de batalha interno, isto é, nos Estados Unidos, como no externo, nos países em conflito.

As dificuldades decorrentes do estado de guerra também apareciam nas matérias da revista, ainda que em grau menor do que os aspectos que apontavam a vitória na guerra. Sob o título "*O Custo da Vida- os transtornos causados pela guerra*", a matéria abordava, a partir das condições materiais, das

ISBN: 978-85-7205-159-0

necessidades diárias da população, os problemas ocasionados pela situação de guerra. Um olhar mais atento a matéria nos permite observar também que, embora em situação de dificuldade, os Estados Unidos apareciam, novamente, como um exemplo de país solidário que, ao exportar seus produtos aos demais países aliados, enfrentavam dificuldades internas, deixando seus próprios cidadãos em situação delicada.

Outra forma de abordar a noção de "Custo da Vida", tal como de sacrifício, no sentido literal, eram as perdas humanas, que também eram apresentadas em diversas matérias da revista. As imagens de perda e de dor eram acompanhadas de textos, que reforçavam a culpa dos nazistas pela situação que muitas pessoas inocentes passavam.

Por fim, a última situação em que o "amigo" norteamericano aparecia era na proteção do continente americano. Para tratarmos de tal situação é necessário articular as imagens dos Estados Unidos com as imagens de colaboração indispensável das demais Repúblicas Americanas, formando a "Frente Única", a qual trataremos no próximo tópico.

A "Frente Única" na Guerra pela Libertação: Estados Unidos e a América Latina contra o inimigo comum

Após o ataque a Pearl Harbor, em 1941, os Estados Unidos iniciaram uma investida ainda maior nas Repúblicas Americanas, pressionando para que os países rompessem relações com o Eixo e, posteriormente, declarassem guerra, formando uma frente única americana. Para tal, era preciso reforçar as imagens de amizade e solidariedade já mencionadas, tal como dos laços entre os Estados Unidos e América Latina e a ameaça do "mal" no subcontinente, para pressionar a tomada de posição das Repúblicas Americanas.

Deste modo, os "bons amigos" apareciam em duas situações principais, ainda que articuladas entre si: como os grandes amigos e apoiadores do esforço de guerra norteamericano e como os grandes colaboradores dos Estados Unidos, a partir do fornecimento de matéria-prima e, posteriormente, de homens e de territórios para bases militares. Ademais, vale mencionarmos as matérias publicadas no final da guerra, que revelavam a posição que os países latinoamericanos receberiam após a guerra.

Com relação a situação de apoiadores, intitulada "As Américas APLAUDEM" a matéria, publicada no ano II, no número 3 da revista, como o próprio título com a palavra aplaude em maiúscula revela, procurava produzir imagens de completo apoio dos governantes e dos principais personagens das Repúblicas Americanas à luta dos Estados Unidos contra os inimigos do Eixo na África. Ainda de acordo com a revista, as mensagens dos personagens das Américas foram dirigidas ao Roosevelt e ao Secretário

ISBN: 978-85-7205-159-0

de Estado Cordell Hull, assim como em discursos da grande imprensa. As imagens dos personagens eram seguidas por suas declarações:

Imagem 2: "As Américas APLAUDEM". Fonte: EM GUARDA, ano II, número 3.

"*Apoiemos com entusiasmo esta ofensiva, porque ela antecipa o plano alemão de invasão e fortalece tanto a segurança do Brasil como das Américas*", afirmara Getúlio Vargas, desde o Brasil. "*Este é o começo da libertação dos oprimidos da Europa. Vem por em relevo o nobre propósito do governo dos Estados Unidos em prol dos interesses democráticos*", declarara Fulgêncio Batista, desde Cuba. *"O governo e o povo da Argentina acompanham com usual interesse os esforços dessa grande nação em prol da segurança da América",* alegara Enrique Ruiz Guinazú, Ministro das Relações Exteriores da Argentina. Eis algumas das declarações da matéria que seguiam com outras, de outros personagens da América Latina, como Jorge Ubico da Guatemala, Isaías Medina Angarita da Venezuela, Rafael Angel Calderón da Costa Rica, Anastásio Somoza da Nicarágua, Alfonzo Lopez da Colômbia, Manuel Prado do Peru, Enrique Peñaranda da Bolívia, Tiburcio Carias Andino de Honduras, Manuel Avilla Camacho do México, Higinio Morinigo do Paraguai, Alfredo Baldomir do Uruguai, Maximiliano Hernandez Martinez de El Salvador, Rafael Leónidas Trujillo Molina da República Dominicana, Antonio Rios do Chile, Carlos Alberto Arroyo del Rio do Equador, Ricardo Adolfo de la Guardia do Panamá e Elie Lescot do Haiti.

As palavras de "ordem", que mais apareceram nestas declarações, foram: ameaça, apoio, cooperação, defesa, democracia, liberdade, libertação, opressão, solidariedade e povo. As mensagens foram utilizadas não apenas para reforçar a imagem de apoio, compreensão e solidariedade dos povos latinoamericanos como também para legitimar os atos norteamericanos e os valores pan-americanos, como os de democracia e liberdade dos povos. Ou seja, legitimava também a propagação do "bem", do "amigo", por meio de missões em outras partes do mundo.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Além de matérias, as capas de início e de final da revista também compunham esta propagação de imagens de união e solidariedade entre os povos americanos contra o inimigo comum, como podemos notar na imagem abaixo:

Imagem 3: "Unamo-nos contra a agressão". Fonte: EM GUARDA, ano II, número 4.

A combinação dos escritos "UNAMO-NOS" com as bandeiras das Repúblicas Americanas, amarradas em um mesmo bastão, com três mãos segurando, que poderiam também representar as "três" Américas- Norte, Central e Sul-, para combater o inimigo comum, a serpente, finalizando com os escritos "CONTRA A AGRESSÃO" expressava outra forma de propagar a ideia de união das Américas em torno de um objetivo comum. Ademais, vale notar que, ainda que as diversas bandeiras americanas estejam representadas, a posição de cada uma é significativa, sobretudo a dos Estados Unidos, que aparece como a primeira, mais próxima do bastão, como se a partir dela que todas as outras estivessem articuladas. Para nós este posicionamento é importante pois também revelava o lugar e o papel dos Estados Unidos nas Américas, como o grande líder e responsável pela articulação das demais bandeiras. Além disso, também é significativo que embora as distintas cores, todas as bandeiras têm o mesmo formato e tamanho, ocupam o mesmo espaço, e estão inseridas em uma composição maior, em que todas estão articuladas, unidas por algo comum.

Outros tipos de matérias que apareciam, para reforçar este apoio e solidariedade entre os americanos, eram as que tratavam das visitas presidenciais aos Estados Unidos, das condecorações aos Ministros de Guerra dos países, as que festejavam o rompimento dos países latinoamericanos com o Eixo e a entrada dos mesmos na guerra. Dentre as matérias, gostaríamos de destacar o caso da entrada do México e do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

"México em pé de guerra" era o título da matéria que tratava, com exaltação, da entrada do México na Segunda Guerra Mundial. Vale observarmos a forma como tal entrada foi tratada na matéria:

ISBN: 978-85-7205-159-0

> Unida e coesa, a nação mexicana está hoje contribuindo para a queda de líderes do Eixo, que há um ano, no auge da sua prepotência, mandaram afundar um navio mercante do México, menosprezaram o protesto do seu governo e provocaram a entrada do país na guerra (...) Em cumprimento de suas obrigações continentais, o México, juntamente com outras Repúblicas Americanas, rompeu as relações com o Eixo , logo depois que os japoneses bombardearam Pearl Harbor (EM GUARDA, ano II, número 7).

De maneira geral, os comentários sobre a entrada do México combinavam as razões de tal feito a partir de motivações nacionais e internacionais, sobretudo relacionada ao subcontinente e, mais especificamente, a solidariedade aos Estados Unidos e demais Repúblicas Americanas. Ademais, a noção de uma nação unida e coesa, que apoiava a decisão do presidente, pois estava ciente que era uma luta do "bem" contra o "mal" também foi muito utilizada.

Outro caso significativo foi a matéria "Brasil entra na Segunda Guerra Mundial", em que também se festejou a entrada do grande "irmão" do Sul, em solidariedade aos povos americanos:

> (...) afirmou o presidente Roosevelt em mensagem dirigida ao presidente Vargas, "decisão que vem dar mais força, moral e material, aos exércitos da liberdade. Como companheiros de armas, nossos soldados e marinheiros perpetuarão mais uma página na história já repleta de provas de amizade, confiança e cooperação que têm marcado, desde os primeiros dias da independencia, as relações entre nossos países" (EM GUARDA, ano I, número 12, s/p).

Novamente podemos notar a referência a uma decisão coletiva, nacional, mediante motivações de âmbito interno, nacional, combinadas com externo, subcontinental. Vale observarmos a legitimação dos feitos dos Estados Unidos, tal como da noção dos Estados Unidos como o grande protetor da América Latina.

Apesar das matérias da revista produzirem imagens sobre a amizade dos Estados Unidos com a América Latina como um todo, vale lembrar que nem todas as "amizades" tinham a mesma forma, sobretudo quando recordamos o caso do México e do Brasil, considerados os amigos especiais dos Estados Unidos. A amizade especial entre os três países era revelada não apenas na quantidade maior de matérias na revista, quando comparadas com as matérias sobre as outras Repúblicas Americanas, como também em outros tipos de produção cultural, como é o caso do filme "Você já foi a Bahia? ", lançado em 1945 e divulgado também pela revista.

A matéria "Os três amigos" tratava especificamente do novo filme dos dois astros de cinema, Pato Donald e José Carioca que, após as aventuras de "Alô Amigos", de 1942, estariam mais uma vez "fazendo amigos e admiradores nas Repúblicas Americanas através do filme". De acordo com a revista, com o novo amigo Panchito do México, os três cavaleiros seria o relato musical de uma viagem dos três companheiros pelas Américas, em que estaria presente a mútua garantia de "*um por todos e todos por um*".

ISBN: 978-85-7205-159-0

De acordo com Tota (2014), os filmes da Disney, que envolviam Pato Donald e os amigos latinoamericanos, poderiam ser interpretados como uma forma de "divisão internacional" do esforço de guerra. Neste sentido, enquanto os filmes que combinavam os personagens, tendo como cenário os países da América Latina, apresentavam bens simbólicos, que remetiam ao prazer, numa espécie de sociologia da preguiça, os que retratavam apenas o Pato Donald, tendo como cenário os Estados Unidos, pagando impostos de renda ou como operário, apresentavam bens materiais identificados com o trabalho e o vigor das fábricas.

Consideramos que a noção de "divisão internacional" do esforço de guerra pode ser ampliada, para além do filme, sobretudo quando se trata da colaboração dos países latinoamericanos, marcado por momentos em que os países exportariam as matérias-prima e receberiam bens industrializados. Nas matérias da revista foi recorrente a imagem da América Latina como a grande exportadora de matéria-prima. A matéria "Os minerais das Américas" auxilia-nos a dar o tom da colaboração da América Latina para os esforços de guerra dos Estados Unidos:

> Os minerais, que são tão imprescindíveis para a guerra moderna, têm sido uma das contribuições mais importantes das Nações Americanas para a vitória das Nações Unidas (...) O aproveitamento das riquezas minerais do Hemisfério Ocidental é de suma importância, não somente para obter a vitória, como também para garantir a prosperidade das Nações Americanas depois do conflito (EM GUARDA, ano III, número 1).

A introdução da matéria dos minerais das Américas era seguida por imagens de cada metal e legenda de cada um deles, suas funções e importâncias específicas, tal como em que países da América estavam localizados:

Imagem 4: "Minerais das Américas". Fonte: EM GUARDA, Ano III, número 1.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Como podemos observar a colaboração dos países latinoamericanos para os esforços de guerra norteamericano reforçava a própria noção da "divisão internacional" dos esforços de guerra, sendo a América Latina a grande fornecedora de matéria-prima e os Estados Unidos os que detinham a capacidade de transformá-la em armas. Embora este discurso estivesse implícito, algumas imagens de matérias sobre os esforços de guerra reforçavam tal divisão, como é o caso da imagem que segue abaixo:

Imagem 5: "A guerra e o comércio". Fonte: EM GUARDA, ano III, número 7.

Vale notarmos a flecha da imagem, que pode ser compreendida como o caminho que seria percorrido até o destino final. Como podemos notar, da América Latina sairiam as matérias-prima e os produtos de necessidade básica- como óleos vegetais, alimentos, borracha, madeira, metais, minerais, petróleo, lã, fibras e drogas e medicamentos-, que chegariam aos Estados Unidos, no centro da imagem, sendo transformados em embarcações de grande porte, navios de guerra, aviões e armas de fogo, para chegarem no destino final, que seria o ataque aos nazistas e aos outros inimigos do Eixo. Além da imagem, o texto da matéria também reforçava a noção que durante a guerra, a América Latina seria a grande fornecedora de matéria-prima para o mundo:

> A conversão de grande parte dessa capacidade produtiva criada pela guerra, para a produção de mercadorias de consumo civil, ajudará a satisfazer as necessidades dos mercados interamericanos nos países que não as fabricam (...). Além dessa base sólida, em que se firma o comércio interamericano, espera-se que, depois da guerra, as nações americanas tenham importante desempenho no desenvolvimento do comércio mundial (EM GUARDA, ano III, número 7, s/p).

A América Latina também aparecia como colaboradora dos esforços de guerra pelo envio de tropas para o combate, como o caso das diversas matérias sobre os brasileiros na Itália, e pelo estabelecimento de tropas e patrulhas das Nações Unidas nos países e dos Estados Unidos nas Américas. O trecho extraído também revelava o papel que a América Latina teria após a guerra: a grande fornecedora de matéria-prima e mercado consumidor dos bens industrializados dos Estados Unidos.

ISBN: 978-85-7205-159-0

O fim da Segunda Guerra Mundial implicou no fechamento do OCIAA, tal como da revista, uma vez que os motivos imediatos de sua criação não existiam mais, nas palavras de Tota (2000): "*a fábrica de ideologias havia sido fechada. Não tinha mais serventia*" (p.190). Concordamos com Moura (1984) ao afirmar que a América Latina era uma área politicamente "pacífica" quando comparada aos "problemas maiores" que os Estados Unidos teriam que enfrentar na Europa, na Ásia e na nova conjugação de forças no tabuleiro internacional que configurariam na Guerra Fria. De qualquer forma, os estudos e pesquisas realizadas seriam enviados ao Departamento de Estado e a América Latina continuaria sob a "supervisão" e "monitoramento" dos Estados Unidos, tal como seguiria recebendo a intensa propaganda do *American Way of Life*.

Considerações Finais: da América para o Mundo

> A direção de EM GUARDA lamenta participar que a publicação da revista termina com este número. A generosa acolhida que recebemos de nossos numerosos leitores demonstrou que EM GUARDA preencheu seus fins, muito contribuindo para estreitar ainda mais os laços da tradicional amizade reinante entre o povo do Brasil e o dos Estados Unidos (EM GUARDA, ano IV, número 12).

Procuramos analisar as representações sobre a América Latina produzidas e reproduzidas pela revista *Em Guarda: para a defesa das Américas*, entre os anos 1941-1945, assinalando alguns dos elementos que foram selecionados para a constituição de imagens sobre a região e o tipo de relação que a América Latina deveria ter com os Estados Unidos. Para tal, estruturamos o trabalho em três partes, ainda que articuladas entre si, procurando demonstrar os elementos mais utilizados para compor as imagens de amizade e união entre os "Bons Vizinhos", seguidas pelas construções do inimigo e do amigo das Américas e finalizadas pelo apoio e cooperação ao esforço de guerra, para que o inimigo fosse combatido e a paz mundial fosse alcançada.

Como a própria mensagem final da revista revela, Em Guarda teve um papel importante para a produção e reprodução de determinadas imagens sobre as Américas e as relações com os Estados Unidos, constituindo-se como um instrumento da própria Diplomacia Cultural dos Estados Unidos e de exportação dos valores pan-americanos. Também vale assinalarmos a transformação do papel das Américas no conflito mundial, de acordo com a necessidade dos Estados Unidos. Como mencionamos, no final da guerra, as Américas passariam de protagonistas do esforço de guerra a espectadores da reorganização do Sistema Internacional, ainda que continuassem incorporados na "divisão internacional do trabalho", como grande fornecedora de matérias-prima e mercado consumidor dos produtos industrializados dos Estados Unidos e dos valores pan-americanos, que antes era pelo esforço de guerra e naquele presente, pela própria "amizade" e "progresso" das nações, tal como pela manutenção da paz mundial.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Apesar do fechamento do Birô, as Américas eram o espaço que mais tinha institutos culturais norteamericanos naquele período. De acordo com Ribeiro (2011), em 1946, havia 27 institutos culturais em todo mundo, sendo que a maior parte deles estava na América Latina. A exportação dos valores norteamericanos para as Américas seria expandida para outros países do mundo, sobretudo com o início da Guerra Fria. Não obstante, as imagens e noções de "Boa Vizinhança", de união e dos Estados Unidos como o grande "protetor" de todos os males nas Américas continuariam a ser propagadas por outros instrumentos dos Estados Unidos.

Finalmente, vale dizer que apesar de analisarmos as representações produzidas e reproduzidas, não consideramos que o recebimento de tais imagens se deu de forma simples, uniforme, homogênea ou mesmo sem uma visão crítica pela população dos países latinoamericanos e caribenhos. Não tratamos desta recepção por não ser nosso objetivo e pela falta de espaço deste trabalho, mas esperamos tratar destes processos de recepção destas mensagens em trabalhos futuros.

Referências

Fontes

Revista *Em Guarda*: para a Defesa das Américas, ano I, número 11.
_____, ano I, número 12.
_____, ano II, número 3.
_____, ano II, número 4.
_____, ano II, número 7.
_____, ano III, número 1.
_____, ano III, número 7.
_____, ano III, número 11.
_____, ano IV, número 1.
_____, ano IV, número 3.
_____, ano IV, número 4.
_____, ano IV, número 6.
_____, ano IV, número 10.
_____, ano IV, número 11.
_____, ano IV, número 12.

Bibliografia

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil*: a penetração cultural americana. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
RIBEIRO, Edgard Telles. *Diplomacia Cultural*: seu papel na política externa brasileira. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.
TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor:* a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ISBN: 978-85-7205-159-0

_____. *O amigo americano*: Nelson Rockefeller no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
ZAGNI, Rodrigo Medina. *Identidades em guerra:* imperialismo e cultura nas relações entre Estados Unidos e América Latina durante a Segunda Guerra Mundial (os casos de Brasil, Argentina e México). Curitiba, PR: CRV, 2015.